



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA JANEIRO 2022

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Dezembro 2022, 3

Importações, 7

Apêndice A – Dezembro 2022

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a janeiro de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
João Felipe de Souza Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior
Marcus Vinicius Souza Pimentel dos Santos (estagiário)
Thiago Lima de Souza Bartolomeu (estagiário)

Coordenação de Biblioteca e Documentação
Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Produção Editorial
Editoria Geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Projeto Gráfico
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Luzia Luna

Editoração
Julio Cesar Fonseca

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Janeiro 2022

Em janeiro, as exportações baianas atingiram US\$ 734,2 milhões (valor recorde para o mês desde 2012) e alta de 18,9% sobre janeiro de 2021. Mesmo assim, a balança comercial do estado teve déficit de US\$ 787,7 milhões, devido ao incremento significativo das importações, que permanecem em alta, chegando a US\$ 1,5 bilhão em janeiro, crescimento de 123,1% quando comparadas a igual mês de 2021.

As compras externas permanecem turbinadas e concentradas em itens de energia, fertilizantes e medicamentos, em uma dinâmica parecida com a dos últimos meses de 2021. Só o GNL – Gás Natural Liquefeito, usado para abastecer as usinas termoelétricas, teve aumento nas compras de 15.492% no mês, enquanto que os combustíveis como um todo tiveram alta de 262,5% e correspondeu a 75,2% das importações baianas em janeiro. Isso reflete fatores estruturais que poderão manter as importações em ritmo de crescimento acima da demanda doméstica, ainda que a tendência dos desembarques seja de arrefecimento, dada a expectativa de baixo crescimento em 2022.

Nas exportações, o principal destaque foi a alta expressiva dos embarques de soja e derivados (235%), cuja safra teve colheita mais tardia no ano passado. Como resultado, as exportações agropecuárias totais aumentaram 62,5% no mês.

Já as exportações da indústria extrativa recuaram 58,5%, abaladas por reduções das vendas de magnesita e metais preciosos. Já a indústria de transformação acusou crescimento de 21%, sempre se comparando ao mesmo mês de 2021.

Apesar de continuar a liderar como destino, as exportações para a China em janeiro tiveram redução de 24,1%, com perda de fôlego nos embarques de celulose, algodão, minerais e carnes de animais das espécies cavalar (em cumprimento a decisão da Justiça Federal, que decidiu suspender o abate de jumentos no Brasil para exportação à China por não ficar comprovada a existência de uma cadeia produtiva para abate no Brasil, o que coloca a espécie em risco).

Nenhum dos resultados de janeiro deve ser considerado como tendência. O ano de 2022 terá exportações ainda beneficiadas por preços de commodities relativamente altos, mesmo com acomodações, e por importações impactadas por demanda doméstica baixa, ainda que

pressionada por inflação global e demanda por itens do grupo da energia.

A explosão nas importações deve arrefecer ao longo do primeiro semestre, tanto pelo lado da demanda doméstica, já que a disseminação da ômicron é fator de preocupação, como também pelo aperto monetário em curso e o panorama de incertezas, diante dos riscos fiscais e políticos, que devem se materializar em baixo dinamismo econômico e restringir as importações.

Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-jan. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %
Exportações	617.660	734.176	18,86
Importações	682.220	1.521.870	123,08
Saldo	-64.561	-787.694	1.120,08
Corrente de comércio	1.299.880	2.256.046	73,56

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 04/02/2022,

<http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

O comércio mundial bateu recorde em 2021, mas deve desacelerar ligeiramente no primeiro trimestre deste ano, segundo projeções da Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad). O valor do comércio global atingiu um nível recorde de US\$ 28,5 trilhões em 2021, numa alta de 25% em relação a 2020 e de 13% comparado ao período pré-pandemia de covid em 2019. Em base anual, o comércio de mercadorias superou fortemente o comércio de serviços, com um aumento de cerca de 27% e 17%, respectivamente. No quarto trimestre de 2021, o comércio de mercadorias aumentou mais fortemente para os países em desenvolvimento do que para os desenvolvidos. O comércio agrícola cresceu 20% em relação a 2020, em valor.

A tendência positiva para as trocas globais em 2021 foi em grande parte graças aos aumentos nos preços das commodities e uma forte recuperação na demanda com os pacotes de estímulo econômico. Essas tendências tendem a diminuir. A expectativa é de que o comércio internacional se normalize durante 2022.

As exportações e importações, globalmente, deverão ser afetadas por vários fatores em 2022. Primeiro, as previsões de crescimento econômico estão sendo revistas para baixo, em meio à inflação persistente nos

EUA e às preocupações ligadas ao setor imobiliário da China. Segundo, a pandemia de covid-19 resultou em pressões sem precedentes nas cadeias de abastecimento. As rupturas logísticas, a escassez de semicondutores e o aumento dos preços da energia contribuíram ainda mais para a escassez de fornecimento e para a espiral dos custos de transporte.

No curto prazo, entretanto, os estoques de algumas das commodities mais importantes para a economia mundial estão em seus patamares mais baixos na história, em meio à forte demanda e à escassez de oferta, que ameaçam alimentar as pressões inflacionárias pelo planeta. O petróleo mantém um ritmo de alta que o aproxima dos US\$ 100 o barril. A escassez ocorre num cenário de inflação global persistentemente alta, alimentada por interrupções logísticas e pela demanda reprimida após as economias se recuperarem dos *lockdowns* impostos contra a covid. Os preços ao consumidor nos EUA tiveram, em janeiro, a maior alta anual em quatro décadas, batendo nos 7,5%.

Esse cenário faz com que os preços do petróleo, metais, grãos e outras commodities negociadas internacionalmente estejam aumentando no ritmo mais acelerado desde 1995. Isso deve beneficiar os países produtores, mas levanta temores de instabilidade econômica e política em países muito dependentes de importações. Os mercados de commodities são pressionados tanto no lado da demanda – aquecida pela recuperação das economias da pandemia de covid-19 – quanto da oferta insuficiente – agravada por fatores geopolíticos – para atender essa forte demanda.

Por outro lado, a perda de força da economia chinesa – que representa cerca de 15% do comércio internacional e 25% do crescimento econômico global projetados nos cinco anos até 2026 – já começa a pesar sobre o preço de commodities como o minério de ferro. Um possível lado positivo nessa desaceleração pode ser uma redução das pressões inflacionárias globais.

Depois de inicialmente liderar o mundo para fora da recessão no fim de 2020 e início de 2021, a economia chinesa perdeu força nos últimos tempos. Medidas governamentais para esfriar o superaquecido mercado imobiliário impactaram a atividade na construção civil. Fábricas sofreram com interrupções temporárias na eletricidade, causadas em parte por medidas do governo para reduzir as emissões de carbono. O crescimento

do consumo tem sido fraco, contido pelas restrições sociais da rigorosa política chinesa de “covid zero” e pelo baixo crescimento na renda do consumidor. As estimativas para a segunda maior economia do mundo agora são de crescimento de 4,8% em 2022 e de 5,2% em 2023, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O freio na economia da China expõe o risco de dependência baiana nas exportações para este país. Os países asiáticos responderam por metade das vendas externas do estado em 2021, a maior parte concentrada em commodities. Em 2021, o estado manteve o patamar recorde de dependência comercial em relação à China, o que pode ter consequências negativas se os sinais preocupantes de perda de fôlego e desaceleração da potência asiática se confirmarem. No ano passado, a China foi destino de 28,3% das exportações estaduais, somando US\$ 2,82 bilhões e se mantendo líder como país de destino para as vendas externas, como acontece desde 2012.

Principal parceiro comercial do Brasil, por mais tempo ainda, desde 2009, a China passa por um movimento de buscar novos parceiros comerciais, e isso pode atingir duramente as exportações do país e do estado, já que a pauta de produtos vendidos é bastante concentrada. Entretanto, hoje é menos importante para o país qual será a taxa de crescimento do gigante asiático este ano, uma vez que, dada sua importância dentro da economia global, ela sempre irá demandar mais produtos brasileiros. Uma China que dez anos atrás crescia mais rápido, mas tinha economia menor, acabava demandando menos que uma China que hoje é muito maior e naturalmente demanda mais produtos e insumos, ainda que cresça a uma taxa menor.

Favorecido por desvalorização cambial e elevação de preços médios nos embarques, o índice de rentabilidade do total das exportações brasileiras subiu 3,3% em 2021, na comparação com 2020, segundo dados da Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (Funcex). O ganho, porém, veio concentrado e puxado por setores importantes na pauta exportadora, como refino, minerais metálicos e agricultura e pecuária. Em 20 dos 29 setores de atividade que fazem parte do levantamento da Funcex houve recuo de rentabilidade. Para analistas, os dados mostram a dificuldade que boa parte da indústria de transformação teve em repassar o aumento de custos de produção na exportação, o que

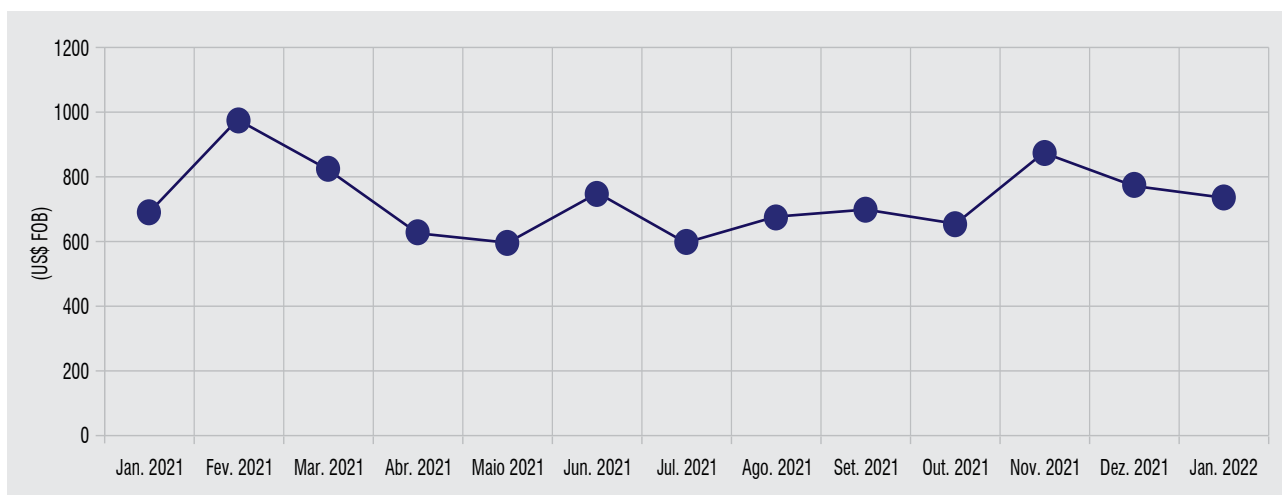


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Jan. 2021-2022

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 07/02/2022.
Elaboração: SEI.

levou à redução de margens. Para 2022, a perspectiva é de desafios ainda maiores.

Em janeiro, pelo segundo mês consecutivo, os preços médios das exportações baianas seguem em baixa ante o pico alcançado em novembro/21. Metalúrgicos, minerais e frutas lideram as baixas comparativamente a janeiro/21. Ainda assim, no total, os preços médios dos produtos exportados pelo estado tiveram alta de 32% ante igual mês do ano passado.

Embora as tensões geopolíticas tenham aumentado nos últimos dias, diante da escalada do conflito entre Rússia e Ucrânia, a dinâmica do real tem saltado aos olhos, alterando para baixo as margens. Com o diferencial de juros entre Brasil e exterior nas alturas e a entrada expressiva de capital estrangeiro no mercado acionário doméstico, o dólar foi se afastando do pico de R\$ 5,71, visto no início de janeiro, para encerrar em 22/02 negociado a R\$ 5,0511, menor patamar desde 1º de julho de 2021.

O movimento tem surpreendido profissionais do mercado e, mesmo com a forte valorização recente do real, gestoras mantêm visão relativamente otimista, com um potencial para apreciação adicional da moeda brasileira. No acumulado do ano, o dólar exhibe queda de 9,39% contra o real, em movimento bem mais intenso que o observado em outros mercados emergentes. A origem da valorização está no diferencial de juro real, que tem feito o mercado dar essa boa pernada, além da tese de reversão do fluxo, com o capital saindo das

bolsas dos mercados desenvolvidos e voltando para emergentes. O diferencial de juro real é que tem feito o mercado dar essa oscilada, além da tese de reversão do fluxo, com o capital saindo das bolsas dos mercados desenvolvidos e voltando para emergentes.

As exportações estaduais em janeiro seguem concentradas em poucos países. A China permanece na liderança com 18% de participação, mas com queda de 24% em relação a janeiro/21. Os cinco principais destinos foram responsáveis por 57,7% do valor total das exportações no mês, com destaque para as vendas para a Espanha (soja, café, ferro cromo e frutas) e para Singapura (óleo combustível e catodos de cobre).

O fato de a China ter ultrapassado o Brasil em suas exportações para a Argentina diz muito sobre o mau estado do Mercosul e sobre a perda de competitividade das indústrias dos dois lados da fronteira - o contrário do que a criação de um bloco comercial na região se propôs. O poder de conquistar mercados do maior exportador do mundo, a China, é gigantesco, mas os desacertos políticos entre as duas maiores economias do bloco, Brasil e Argentina, facilitaram bastante o trabalho dos chineses.

Ainda assim, as vendas da Bahia para os hermanos cresceram 80,4% em janeiro comparadas a igual mês de 2021, colocando o país como quarto maior mercado para as exportações do estado no mês.

**Tabela 2 – Exportações baianas
Principais segmentos – Jan.-jan. 2021/2022**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Soja e Derivados	71.349	126.771	77,68	17,27	50,29
Petróleo e Derivados	37.415	125.303	234,90	17,07	5,74
Químicos e Petroquímicos	62.577	110.447	76,50	15,04	69,81
Papel e Celulose	106.651	100.312	-5,94	13,66	13,67
Minerais	80.261	76.124	-5,15	10,37	39,19
Metalúrgicos	68.095	43.427	-36,23	5,92	-28,03
Algodão e Seus Subprodutos	35.645	34.948	-1,96	4,76	503,61
Metais Preciosos	11.008	27.493	149,75	3,74	59,65
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	18.429	20.298	10,14	2,76	8,13
Cacau e Derivados	9.670	12.974	34,17	1,77	2,78
Frutas e Suas Preparações	79.325	12.759	-83,92	1,74	-69,71
Café e Especiarias	6.945	8.863	27,61	1,21	18,88
Borracha e Suas Obras	5.369	7.318	36,31	1,00	-9,19
Sisal e Derivados	2.162	6.805	214,80	0,93	69,98
Couros e Peles	4.661	5.182	11,18	0,71	80,09
Calçados e Suas Partes	1.862	1.972	5,89	0,27	-9,79
Carne e Miudezas de Aves	12.157	1.877	-84,56	0,26	87,09
Automotivo	1.072	3.372	214,65	0,46	18,17
Fumo e Derivados	112	8	-92,53	0,00	-35,52
Demais Segmentos	74.245	134.693	81,42	18,35	14,24
Total	617.660	734.176	18,86	100,00	32,01

Fonte: : ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 04/02/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: SEI.

As compras externas permanecem turbinadas – US\$ 1,52 bilhão e crescimento de 123,1% frente a janeiro/21. Seguem concentradas em itens de energia, fertilizantes e medicamentos, em uma dinâmica parecida com a dos últimos meses de 2021. Os combustíveis lideram com crescimento 262,5% e representam 75,2% do total das compras do estado no mês. Isso reflete fatores estruturais que poderão manter as importações em ritmo de crescimento acima da demanda doméstica, ainda que a tendência dos desembarques seja de arrefecimento, dada a expectativa de baixo crescimento em 2022.

A evolução das importações está ainda sendo ditada por preços, embora o aumento anormal na compra de combustíveis tenha elevado o quantum em 59,4%, comparado a janeiro do ano passado. Segundo os dados apurados, o crescimento das compras externas em janeiro foi puxado também pelos preços médios, que avançaram 40%. Embora o primeiro mês não possa ser considerado tendência para o ano, o comportamento de preços de importação em janeiro mostra que o quadro

de inflação global continua influenciando preços e deve pressionar custos de produção.

Por enquanto, do lado da demanda doméstica, a disseminação da ômicron, apesar de declinante, ainda é fator de preocupação, embora a expectativa seja de que seus efeitos negativos na atividade sejam temporários e concentrados no primeiro trimestre. Por outro lado, o aperto monetário em curso e o panorama de incertezas, diante dos riscos fiscais e políticos, devem se materializar em baixo dinamismo econômico, o que deve restringir as importações ao longo do ano.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jan. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Combustíveis e lubrificantes	315.579	1.143.939	262,49	75,17
Bens intermediários	303.225	321.478	6,02	21,12
Bens de capital	44.941	37.767	-15,96	2,48
Bens de consumo duráveis	11.056	11.711	5,92	0,77
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	7.417	6.975	-5,96	0,46
Bens não especificados anteriormente	2	0	-	0,00
Total	682.220	1.521.870	123,08	100,00

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 04/02/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

